

Porto.

Discurso do Presidente da Câmara Municipal do Porto
Rui Moreira

Sessão Solene de Instalação dos Órgãos do Município

20 Out. 2021

17h30 – Super Bock Arena – Pavilhão Rosa Mota

Caros Eleitos,

Senhor Presidente do CDS-PP e Secretário Geral do Iniciativa Liberal

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa e restantes Presidentes de Câmara aqui presentes (e são muitos)

Senhor Presidente do Conselho Económico e Social

Senhor Prof. Luís Valente de Oliveira

Senhor D. Américo Aguiar, Excelência Reverendíssima

Senhor Presidente do Futebol Clube do Porto

Demais Autoridades Civis, Militares e Religiosas,

Caras Amigas e Caros Amigos,

Minhas Senhoras e meus Senhores

Permitam-me, mas tenho de começar este discurso com uma simples, mas importante palavra: **obrigado**.

E “**obrigado**” porque, como bem sabem, esta peculiar forma de agradecer em português tem a sua raiz no verbo “ligar” ou “ficar ligado”; e este meu “**obrigado**”, para além de um profundo sentimento de gratidão, é um inabalável compromisso de continuar “ligado” ao que nos une aqui hoje: **o Porto**.

Um Porto que para além de ter escolhido, pela terceira vez e contra tudo e contra todos, um projecto político independente, deu um sinal claro que acreditou, sem hesitações, em mim. Não se deixou perturbar com névoas falaciosas, manteve-se ao meu lado e voltou a dar-me, com uma vitória inequívoca, a honra e a responsabilidade de voltar a ser Presidente da Câmara Municipal do Porto, além do mais rodeado de uma maravilhosa equipa de vereadores que o Porto soube também homologar. Asseguro-vos que juntos - no Executivo

- iremos respeitar cada compromisso assumido na campanha eleitoral, mas também saberemos, como sempre, ouvir e ponderar as posições dos vereadores da oposição.

Mas a vitória do Grupo de Eleitores Independentes “Aqui Há Porto”, que foi a mais expressiva da história autárquica do Porto no que diz respeito à distância para com os dois principais partidos/adversários, não seria possível sem o “Porto, o Nosso Movimento”. Uma associação cívica que continua a caracterizar-se pelo amplo, e não raras vezes, aguerrido debate interno, mas sempre firme na defesa e na luta pelo desenvolvimento do Porto e, agora, com uma renovada oportunidade para atrair e agregar novos e qualificados membros que se reveem no nosso projecto de cidadania.

Honosamente inspirados pelo nosso Mandatário de sempre, o Professor Valente de Oliveira, um cidadão ímpar de uma estirpe de notáveis portuenses que nos ajuda a interpretar os desígnios da cidade, fonte inesgotável de uma ambição sempre renovada.

Por isso, é muito importante agradecer o importante contributo do presidente deste movimento, o **Francisco Ramos**, pois tem sido um presidente dedicado, generoso, inteligente e manifestamente altruísta. Diria que o presidente do nosso movimento é um caso raro na política portuguesa, pois nada pede, nada quer para si mesmo; mas tudo exige para o Porto e tudo faz, com grande empenho pessoal, para nos proteger. Obrigado, Francisco.

Aliás, foi com a sua dedicação, honra e tacto político que construímos juntos um importante acordo de governação com o PSD Porto, permitindo-nos criar a estabilidade que o Porto merece e precisa.

E aqui também quero agradecer ao meu amigo e nosso presidente da Assembleia Municipal **Miguel Pereira Leite**, pois a sua abnegação, responsabilidade e amor pelo Porto falou mais alto. Fica para a história como um extraordinário Presidente da Assembleia Municipal e como um político capaz de, com desapego, se dedicar ao interesse da cidade.

Uma estabilidade, nunca é demais reforçar, que é fiel à vontade expressa pelo povo do Porto e que em muito se deve ao sentido de responsabilidade do Presidente da Concelhia do PSD – Porto, **Miguel Seabra**, e ao cabeça de lista do PSD, o vereador **Vladimiro Feliz**.

E não ponham em causa os méritos e as vantagens das soluções de governabilidade: vejam o que se passa hoje no País. Lembrar-se-ão que, na noite das eleições, e não conhecendo a dimensão da vitória ou os posteriores desenvolvimentos, dediquei a vitória a **Miguel Veiga**. Hoje renovo o tributo, pois sei muito bem que ele defenderia e orgulhar-se-ia da solução que construímos.

Obrigado a todos pelo acordo. Estou certo de que o Porto reconhece o vosso nobre gesto.

O elogio e as felicitações também têm de ser estendidas aos presidentes de junta eleitos “Aqui Há Porto”: **Tiago Mayan** da União das Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde; **Nuno Cruz** da União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória; **Sofia Maia** da União das Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos; **João Aguiar** da Junta de Freguesia do Bonfim; **Patrícia Rapazote** da Junta de Freguesia de Ramalde; mas também ao social-democrata **Miguel Seabra** da Junta de Freguesia de Paranhos e ao socialista **Ernesto Santos** da Junta de Freguesia de Campanha.

Assumo perante vós que haverá um reforço das competências para estes órgãos autárquicos, acompanhado dos recursos indispensáveis, e comprometo-me a ajudar no trabalho de proximidade e de rede que tão bem sabem empreender junto dos nossos munícipes.

Muito obrigado e contem comigo, com a minha equipa e com todo o universo da Câmara Municipal.

Meus senhores e minhas senhoras,

Não escondo a enorme alegria de ter aqui, hoje, ao meu lado, quem melhor representa o Porto. Vejo daqui destacados políticos, militares e académicos, gentes da cultura, líderes

associativos que representam o desporto, a economia, a solidariedade social, os jovens. Contemplo daqui reitores e presidentes de universidades, escolas e institutos do Porto, empresários distintos como **Ilídio Pinho** ou **António Mota**, que têm uma relevante actividade cívica. Admiro daqui o Presidente **Pinto da Costa**, meu bom amigo, e elementos da direcção do FCP, do Boavista e do Salgueiros. Encontro o sorriso de **Dom Américo Aguiar**, o nosso bispo auxiliar de Lisboa e o **Germano Silva** com a sua sapiência tripeira. Também já vi e ouvi as minhas amigas do Bolhão, a **Cristina** e a **Rosinha** do Rainha D. Leonor e muitos trabalhadores do município que são meus colegas de missão. Uns mais ilustres e outros mais anónimos, mas todos formam, como dizia Miguel Torga, “*o Porto real e maravilhoso*” que nasce de “*uma soma de trabalho e sonho*”.

Nas palavras de Agustina Bessa Luís, que na muralha fernandina vê a personificação dos portuenses, seremos sempre resistentes, orgulhosos, com uma “*impraticável fé de liberdade*” e uma alma “*funda e profética*”, não somos só uma cidade, somos um sentimento.

Ou na inspiração de Eugénio de Andrade, que também via na muralha o nosso carácter, sempre pronto a defender-nos dos “*abusos do poder*”, seguros pela “*solidez das convicções políticas*”.

Mas há uma característica no Porto que eu não resisto em assumir como aquela que mais me acicata e provoca, mas, paradoxalmente, me apaixonou e estimula. Para a revelar tenho de recordar, num breve relato, o regresso ao Porto de Ramalho Ortigão, em julho de 1883.

É no Primeiro Tomo d’*As Farpas* que o escritor portuense começa por descrever o frenesim da sua chegada à Estação de Campanhã, não sem antes deixar de fazer um rasgado elogio às mulheres do Porto, (que apesar não ter nada a ver com aquilo que eu vos quero revelar não resisto em citar).

E descreve as mulheres assim: “*mulheres bem feitas, caminhando direitas, de cabeça alta, cintura fina solidamente torneada sobre os rins, e alegres lenços amarelos, de ramagens vermelhas, encruzadas sobre a curva robusta do peito*”. Aliás, são exatamente estas magníficas mulheres portuenses que Jan Gordan descreve no magnífico livro de viagem

Portuguese Somersault, de 1934: “Mulheres esculturais que poderiam ter sido desenhadas por [Aristide] Maillol em carruagens de deusas, calcorreiam as ruas soltando gritos sobrenaturais”. (Aqui fica a minha homenagem às mulheres do Porto).

Mas voltando à chegada de Ramalho Ortigão a Campanhã e à característica tripeira que vos quero revelar, ia eu dizendo que o escritor chega e segue rapidamente para o centro da cidade, observando o pormenor que “todas as casas [de Campanhã], de um lado e do outro da rua, têm à porta a cancelinha baixa, de pau, pintada de verde”. “Estamos no Porto”, desabafa o escritor.

Entra no Porto e começa a referir que os “melhoramentos materiais na cidade (...) são na verdade consideráveis”. Que há “novas ruas da Boavista, a do Mouzinho da Silveira, paralela à rua das Flores, a de Passos de Manuel, desde Santa Catarina à rua Sá da Bandeira” e um conjunto de outros melhoramentos nos bairros e ainda outros que, entretanto, tinham sido criados, como nos “bairros novos do Palácio de Cristal e da Duque da Bragança”, “bairro do Campo do Cirne, em frente ao Cemitério do Bom Repouso (...) e a nova ponte que vem da Serra do Pilar às proximidades do Paço do Bispo” que, lembra o escritor, “demolirá e transformará em novas avenidas os bairros antigos do Barredo e da Sé”.

Não me vou alargar muito mais, mas advirto que os longos os parágrafos que fazem uma detalhada descrição da transformação do Porto, e leva mesmo o escritor portuense a assumir que se sentiu um “turista em viagem na minha própria terra”, revelam um sentimento de protesto e desalento para com o progresso que havia chegado ao Porto, num dos tempos mais áureos da cidade e que ainda identificam a nossa urbe. Fala também do desenvolvimento do Associativismo e do Jornalismo do Porto, admitindo que “devo começar por dizer que o Porto está bastante adiante de Lisboa”.

Porém, perante as transformações deste Porto que fervilhava leva-o a largar um desabafo (passo a citar): “Cumpre-me enfim consignar que o Porto perdeu esse bom e saudável cheiro provincial que tão especialmente embebe como um aroma antigo”. E justifica: “desapareceram as leiteiras do Lopes e do Carneiro, com as cadeirinhas da rua do Almada,

com as tortas do pasteleiro da rua de Santo António, com os carroções do Manuel José de Oliveira, com os Sanjões da Lapa, do Bonfim e de Cedofeita” e um conjunto de botequins, lojas e outros locais onde, nas reminiscências de Ramalho Ortigão, havia uma autêntica tempestade sensorial de cheiros e sabores. Lamenta todo o progresso, arrematando de forma violenta: “O Porto perdeu toda a importância dos antigos tempos”!

E então, onde é que eu quero chegar com esta *Farpas* de Ramalho Ortigão? Quero somente dar-vos conta da magnífica característica portuense que é a (nossa) **capacidade crítica**. Nem todos a compreendem, mas quem trabalha de perto comigo sabe que eu tenho uma profunda admiração por esta **cidade irresoluta** onde vivemos, uma cidade onde tudo está sempre em permanente discussão pública. Tudo discute, tudo critica e muito bem, pois tal como dizia Júlio Dinis, no Porto “*nada há de absoluto*”.

E muitos de nós temos bem presente os rios de tinta que os jornais investiram a dar conta dos múltiplos casos e casinhos de protestos, insatisfações, acordos e descordos da nossa contemporaneidade. Muitos de vós, aqui hoje presentes, ainda se recordam, por exemplo, do escandalizado debate à volta do Cubo da Ribeira da autoria do saudoso mestre José Rodrigues; da zanga à volta da requalificação dos Aliados do genial arquitecto Siza Vieira; ou ainda das recentes polémicas que animaram a campanha eleitoral (e vão continuar a animar...).

Esta incansável característica do Porto de tudo criticar é, para mim, uma das suas mais apaixonantes virtudes. Uma autêntica gritaria pública que nós, autarcas, temos de saber estimular e participar. Mas também temos de saber ser firmes com os nossos compromissos e com a nossa sufragada visão de cidade. Temos que ter a força e a coragem de, por exemplo, continuar a trabalhar sem descanso na sustentabilidade ambiental, social e económica da cidade. Temos de saber acompanhar os novos tempos e a necessária prosperidade com a inevitável e fracturante agenda da descarbonização. Porque, minhas amigas e meus amigos, não podemos, por hábitos arreigados ou comodismo egoísta confiscar o futuro dos nossos filhos e netos.

Por isso, comprometo-me a tudo fazer para manter a identidade do Porto — que muitas vezes se manifesta nas pequenas que coisas que Ramalho Ortigão citou e que também me vêm à memória como o restaurante da *Rosinha em Campanhã*, a *Livraria Académica* do Sr. Nuno Canavez ou do *Café Corcel* na Boavista —, mas como ia dizendo, não desistirei de lutar para criar condições que projectem um futuro ainda melhor para as gerações futuras. E advirto que é necessário alterar velhos paradigmas. Na mobilidade, no consumo, na utilização de recursos escassos como o espaço público, que deve continuar a ser resgatado... com ou sem os malfadados pilaretes, certamente substituíveis por civismo.

E vou repetir aquilo que todos já ouviram: quero concluir os projectos que a pandemia atrasou, como é o caso do *Mercado do Bolhão*, o *Terminal Intermodal de Campanhã*, a recuperação do *Cinema Batalha*, a extensão da Biblioteca, o projecto do antigo *Matadouro* como âncora da minha sempre e inequívoca prioridade: Campanhã, pois tenho a certeza de que esta zona da cidade tem condições únicas para ser uma alavanca de desenvolvimento para toda a cidade.

E até vos lanço um simples desafio. Tentem por favor descobrir, por exemplo, qual é o perfil dos novos inquilinos que têm surgido nas casas e nos armazéns de Campanhã e do Bonfim. Asseguro-vos que vão deparar-se com a gestação de um território efervescente, cosmopolita, *trendy*. Jovens qualificados do Porto e de todo o mundo que têm vindo a escolher o Porto para construir família. E é este um dos caminhos que nunca podemos desistir. Porque eles não gentrificam a cidade. Dão-lhe o cosmopolitismo que uma cidade orgulhosa das suas raízes não pode rejeitar.

Pois o Porto ganhou um renovado reconhecimento internacional ao ter sabido aproveitar as oportunidades para explorar o seu potencial de desenvolvimento e se abrir ao mundo em múltiplos planos, precisamente num momento em que cada vez é mais visível a alavancagem do progresso proveniente do labor de cidades e regiões.

A crescente atratividade do Porto, inquestionável nos dias que correm, não se explica somente pela sua beleza, pela sua singularidade e pela sua História. Mas muito

especialmente pela forma como temos sabido, coletivamente, afirmar-nos como uma cidade cosmopolita, confortável e interessante, atravessada por manifestações crescentemente inequívocas de qualidade de vida.

Nuno Júdice escreveu que *“Shakespeare podia ter vivido aqui. Podia ter dançado na noite de S. João, quando o rio transborda para as ruas nas correntes humanas que as inundam. Podia ter escrito nos invernos de ausência o que a noite ensina sobre a privação. Podia ter ensinado, à beira do cais, que o tempo lascivo corre como a água, levando o que não há-de voltar e trazendo o que nunca terá nome nem corpo. (...) Mas o que ele cantou, podia tê-lo cantado aqui. Todos os lugares são, afinal, lugar nenhum para quem não habita senão a própria voz: sonho de outra margem, cantor perdido no labirinto das pontes.”*

Meus amigos e minhas amigas,

Ser “independente” é outro dos predicados do Porto que mais nos toca e não é difícil encontrar quem concorde comigo. Uma independência que não exclui ninguém. E é por isso que tanto apreciamos e agradecemos o apoio de partidos que se revêm nos nossos princípios programáticos para a cidade. O CDS – obrigado Francisco! – a Iniciativa Liberal, o MPT e o Nós Cidadãos.

Vasco Graça Moura não hesitou em afirmar que a história o Porto sempre esteve *“apegada a preconceitos de independência e bem-estar”* e Alexandre Herculano exaltou o exemplo singular *“de amor tenaz de independência e de liberdade”*.

Também Jaime Cortesão – e ainda há dias estive na casa onde viveu e com seus familiares - defendeu que *“graças ao Porto, o povo português teve a coluna vertebral; e ainda hoje possui um ideal de livre cidadania, ou seja a do homem de vergonha na cara, lisura nas contas, austeridade na conduta e fidelidade activa a todos os deveres e direitos, que condicionam a plena liberdade”*. Refere ainda que é nos portuenses *“que vamos, com frequência, encontrar o fervor cívico aliado a uma equilibrada maneira de pensar e de dizer, o amor às mais sadias tradições da grei, o sentido das necessárias renovações políticas.”*

Por último, Alberto Pimentel não hesita em afirmar que “*o portuense só tem um ideal político capaz de lhe excitar os nervos patrióticos: o amor à liberdade (...)*”

E evoco aqui estas testemunhas literárias porque o Porto continuará a ser sempre uma voz de independência e de liberdade face aos poderes instalados, ao centralismo que em tanto prejudica o país.

Recordo que, há oito anos, os Portuenses decidiram ter uma governação diferente do que é habitual na democracia portuguesa, tendo escolhido um projeto político independente. Partimos, por isso, agora para uma nova caminhada, com uma visão enriquecida pela experiência que não pode e não deve ficar limitada ao Porto.

Se há oito anos emergiu um desejo coletivo de ver esta cidade da liberdade entregue aos independentes, hoje tenho a plena convicção que este projeto político independente, que eu tenho a honra de liderar, a par como as centenas de candidatos independentes de todo o país que foram eleitos e muitos mais que foram a votos, não pode continuar diluído.

Por isso, volto a reafirmar que é urgente, para o bem da democracia – que se quer esclarecida, que promova a participação efetiva dos cidadãos e assegure a igualdade de voto – que devemos promover a federação dos milhares de cidadãos que continuam a acreditar nos candidatos independentes.

E avanço, desde já, poupando-me a explicações e interpretações excessivas, que manifesto total disponibilidade para ajudar a dar corpo a esta ideia que tem as suas fundações na AMAI - Associação Nacional dos Movimentos Autárquicos Independentes, mas recuso qualquer cenário de liderança.

Como já vos disse continuarei ligado e comprometido com o Porto, mas sei que existem entre as dezenas de políticos independentes eleitos nas últimas eleições autárquicas (que se assumiram como terceira força política), altos e qualificados quadros políticos capazes de assumir a liderança dos independentes de Portugal.

Acredito que do Porto pode, uma vez mais, ser a base histórica de um movimento político mais próximo dos cidadãos. Não tenho qualquer obsessão por este caminho e estou preparado para abrir o debate sobre este tema, até como referiu Aberto Pimentel, no livro, *O Porto na Berlinda*, “*têm alma nobre, sentimentos honrados e acções civis. São dominados pela maior parte do temperamento fleumático, que conduz à quitação e à bravura, de sorte que sendo esta cidade a mais populosa do reino, depois da corte*” e acrescenta admirado que nunca nos gladiamos entre nós: “[*passam*] *anos sem que entre eles haja briga alguma, ou a menor efusão de sangue.*”

Por isso, se daqui saíram as tropas liberais, se daqui brotaram as primeiras revoltas republicanas, porque é que daqui não poderá sair um novo movimento cívico que, combatendo a espiral de cinismo, o galopante fosso entre cidadãos e a política e sempre num respeito pelos partidos, aproxime os portugueses de um projeto político intransigentemente humanista e democrático?

Caros e caras portuenses,

Sei que tenho de me concentrar no Porto do futuro de “*trabalho e sonho*” como o de Agustina, “*rijo e trabalhador*” como o de Sampaio Bruno ou, ainda, “*livre e solidário*” como o de Miguel Torga.

Sei que devo continuar a **trabalhar**, pois é o verbo da nossa existência. Mas sei que tenho de manter um esforço, com a ajuda de todos vós, para afirmar um porto **positivo e agregador**, pois, como Mário Cláudio o bem conhece e descreve, “*o Porto nasce e morre connosco, igual ao mais insatisfeito de quantos desejos nos visitaram. Quer isto dizer que se não esgota em topónimos, nem cheiros ou paladares, nem em anedotas ou falas, nem naquilo a que mais usualmente o reduzem*”.

O Porto é uma nação plena, quer em sentimento e identidade, quer na definição canónica do termo, mas tem um pendor negativista, que herdámos da matriz lusitana. Tentarei, repito, ser **positivo e agregador** neste último mandato que o Porto me confiou, pois sei que, depois

do inverno pandémico que todos vivemos, há um frio económico e político que se está a aproximar.

E todos nós sabemos que Portugal vai precisar, uma vez mais e como sempre, desta importante nação que é o Porto. E nós, portuenses, como sempre, nunca faltaremos a Portugal, porque daqui é que houve nome de Portugal.

Sei que posso contar sempre com o Porto.

Garanto-vos, com toda a honra, que lutarei para merecer e compreender Portugal.

Viva ao Porto!

Viva a Portugal!

Muito obrigado.